

O termo editar é comumente e erroneamente usado como sinónimo de publicar. No que respeita a feitura de um livro, jornal, fanzine, postal e/ou outros materiais semelhantes, editar antecipa e corresponde a etapas de produção e impressão do dito objecto gráfico. Aquele que edita toma uma série de decisões sobre o objecto que pretende “fabricar” antes de o tornar público (de publicar). Ou seja, o editor poderá seleccionar um assunto ou os temas que serão abordados – os conteúdos e imagens – a natureza e medium das imagens (fotografia, ilustração, entre outros), elege a dimensão que pensa adequar-se à gramagem, ao tipo, qualidade e cor do suporte, entre tantas outras possibilidades e características técnicas, estéticas e éticas – como esclarece o texto de José Bártolo.

Foi com este desígnio em mente que assumi o posto temporário de editor do jornal da Oficina do Cego. Encarei esta função como um exercício de liberdade e experimentação, e assumi a responsabilidade de dar continuidade ao trabalho iniciado pelo Luís Henriques e pelo José Feitor, editores dos números anteriores.

Este jornal existe sobretudo graças à generosidade e disponibilidade da Cláudia Dias, que desenhou o cabeçalho e que se encarregou da paginação e do design gráfico. Embora tenham sido impressos 500 exemplares em Off-set, a Cláudia Dias e eu apostámos num objecto que traduzisse o interesse que a Oficina do Cego tem pelas qualidades plásticas da produção artesanal e pelo labor oficial. Por essa razão, transformámos cada um destes 500 exemplares numa prova única que foi timbrada manualmente com o logótipo da Oficina do Cego e carimbada com carimbos feitos a partir de desenhos do José Feitor e meus.

A Oficina contou também com a colaboração de um grupo de pessoas das mais variadas áreas e com práticas profissionais diversificadas, que cederam as imagens e os textos que são aqui divulgados. Aproveitei esta oportunidade para indagar junto a um pequeno grupo de colecionadores de fanzines, livros de artistas e outros materiais semelhantes, como surgiu o interesse por este tipo de objectos gráficos. O Amir Brito Cadôr, a Ana João Romana, a Catarina F. Cardoso e a Catarina Leitão acederam revelar alguns aspectos sobre as suas colecções. Neste contexto, pareceu-me natural questionar o Eduardo Salavisa sobre o que o motivou a mostrar os seus diários gráficos e perguntar ao Filipe Leal de Faria porque integra os urban sketchers. A Sara Figueiredo Costa revela, com refinado humor, algumas notas pessoais sobre a crítica e o jornalismo em torno dos livros. A Luísa Barreto partilha um fragmento da sua investigação no âmbito de um Doutoramento, enquanto o Tiago Baptista desenha a conversa metafísica que o leva a concluir a BD que nos dá a ler.

As ilustrações foram feitas pelo André Lemos, a Bárbara Rocha, o Rui Carvalho e a Tamara Alves. O Paulo Leal, para além de ter feito uma ilustração, acedeu mostrar pela primeira vez um dos desenhos da série “Crash landscape”. Esta imagem complexa e fantasmagórica foi impressa de modo a poder ser destacado do corpo do jornal.

E porque a Oficina do Cego e este jornal – como todos os projectos associativos – entrelaça redes de amizade e afectos, destacamos a relação cúmplice entre o poema de Manuel de Freitas e a ilustração feita pelo Luís Henriques. Terminei este editorial fazendo um uso indevido do belíssimo poema de Manuel de Freitas e confessando que, tendo em conta a vivência demasiado domesticada do quotidiano, são experiências destas que me permitem “festejar a sobrevivência e a vida, que precisam regularmente de confirmação”.

Ficha técnica:

Editor – Isabel Baraona

Design, cabeçalho e paginação – Cláudia Dias

Cor – azul

Dimensões – a definir

Tiragem – 500 exemplares